

10 anos de Seminário Nacional de Sociologia & Política: um balanço crítico por

Maria Tarcisa Bega¹

Por Sabrina Cesar Freitas e Kamille Mattar²

Maria Tarcisa Silva Bega é pesquisadora e professora vinculada ao Departamento de Sociologia e ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná. Atua na área Cidadania e Estado, nas linhas de pesquisa Cultura e Sociabilidades e Instituições e Poder, em que ministra as disciplinas: “Políticas Sociais, análise da experiência brasileira” e “Teoria Social Clássica”. Na Graduação em Ciências Sociais ministra as disciplinas de “Sociologia Urbana”, “Estudos Sociológicos em Políticas Públicas” e “Métodos e Técnicas de pesquisa em Sociologia”. Coordenadora do Grupo de pesquisa Sociologia e Políticas Sociais-CNPq. Foi Coordenadora de Extensão (1994), Pró-Reitora de Extensão e Cultura (2002-03), Vice-Reitora (2003-06) e Diretora do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes (2006-2014). É membro titular do Instituto Mercosul de Estudos Avançados (IMEA). Foi membro titular do Conselho Estadual de Educação (Secretaria de Estado da Educação do Paraná), do Conselho de Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná (Secretaria de Estado da Cultura), Conselho Estadual dos Direitos da Mulher (Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania do Paraná) e do corpo editorial da Revista Mediações (UEL). Desenvolve investigações sobre os seguintes temas: juventude, cidadania, políticas sociais, participação social e trajetórias intelectuais. Esteve na Coordenadoria Geral do Seminário Nacional de Sociologia e Política (SNS&P) nos anos de 2017, junto ao Prof. Dr. Alfio Brandenburg, e 2018. No ano de 2019 estará à frente da Coordenação Geral no decênio do SNS&P.

Concedida em setembro de 2018, a entrevista a seguir apresenta balanços significativos da trajetória do Seminário Nacional de Sociologia e Política sob o ponto de vista da Professora Maria Tarcisa Bega.

¹ Entrevista realizada em 18 de setembro de 2018, na Universidade Federal do Paraná. Revista pela entrevistada em outubro do mesmo ano. Foi transcrita e editada por Sabrina Cesar Freitas, Kamille Mattar e Henrique Valério Quagliato, membros da Comissão Editorial Executiva da Revista Sociologias Plurais.

² Discentes do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná.

Sabrina C. Freitas: *Professora, estamos prestes a lançar, no mês que vem, o número especial temático do Seminário Nacional de Sociologia e Política (SNS&P) na Revista Sociologias Plurais, conforme conversamos nos últimos meses. Com isso, imaginamos que uma entrevista contigo, em nome da coordenação geral do SNS&P, seria bastante oportuno pra compreendermos um pouco mais sobre a trajetória, alcance e relevância do evento.*

Fizemos algumas questões com intuito de produzir uma espécie de balanço, sobre a trajetória do Seminário. A primeira delas, talvez a mais importante, diz respeito ao que é fazer ciência hoje e qual o papel do Seminário nesse trabalho.

Maria Tarcisa Bega: *O que é fazer ciência hoje? Olha, acho que temos alguns desafios em fazer ciência hoje, não é? Primeiramente, nós vivemos em um século da ciência. Ela está em todas as nossas atividades, no dia a dia, no nosso cotidiano. Não podemos imaginar o que era vida, pensemos na vida cotidiana em 1850: a vida sem tecnologia, sem conhecimento científico, mas principalmente a vida sem uma explicação racional dos fatos. Acredito que fazer ciência é criar uma forma específica de explicar o mundo, não no sentido de acabar com as demais formas. Na verdade, trata-se de uma outra etapa de explicação sobre como as coisas acontecem, por quê acontecem, qual a possibilidade de acontecerem e, a partir da previsibilidade desses acontecimentos, a sociedade poder fazer as correções ou reafirmações a respeito deles. Estou pensando aqui muito nas ciências duras – ou seja, toda a parte experimental é, de certa forma, um movimento.*

Eu sempre digo: a ciência é uma noção totalizante e simples ao mesmo tempo! A ciência é um movimento de combate à morte, no sentido de preservação da vida. O que não quer dizer que ela preserve a vida. Muitas vezes, o uso do conhecimento científico pode levar, inclusive, à destruição da vida. Mas, isso é uma discussão mais próxima ao campo da ética da ciência.

Na nossa área, fazer ciência hoje, parafraseando a expressão de Weber, “é desencantar o mundo”. Não tem outra explicação. É buscar as explicações para os fatos que se apresentam como senso comum. A nossa função é oferecer uma explicação que seja plausível, consistente, ancorada em processos analíticos, superando o senso comum. É tentar buscar as razões causais, as lógicas e interconexões e as relações entre os fatos. Acredito que isso é fazer ciência.

Para nós, nas Ciências Sociais, trata-se de tentar compreender a complexidade do mundo contemporâneo. Não é uma coisa fácil. Não tem uma definição única. O que é entender a complexidade do mundo contemporâneo? Primeiramente, é necessário entender as grandes narrativas, as grandes explicações (do capitalismo, das grandes teorias, das grandes ideologias);

mas, ao mesmo tempo, é buscar entender o lugar do sujeito dentro dessas metanarrativas. Em outras palavras, acredito que essa seja a complexidade: a combinação entre essas grandes narrativas e as situações individuais e singulares. Também a possibilidade da compreensão dos sentidos e significados que os sujeitos não apenas dão às suas ações, mas como tais significados alavancam suas tomadas de decisão. Portanto, também o lugar das pequenas narrativas – das narrativas que operam a partir de singularidades de grupos sociais específicos. Um pouco como naquela expressão de Foucault: “achar as relações entre continuidades e fissuras”.

Acho que fazer ciência hoje é isso.

Sabrina C. Freitas: *Como o Seminário está articulado a essa perspectiva de ciência, professora?*

Tarcisa: *Acredito que o Seminário não tem uma pretensão grandiosa. Partimos para a décima edição em 2019. O Seminário nasceu, em 2009, para criar um espaço de troca entre os alunos da Pós-Graduação da UFPR – dos Programas de Pós-Graduação de Sociologia e da Ciência Política – e de outros estudantes do entorno. Isso porque as grandes organizações científicas – a ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais), a própria SBS (Sociedade Brasileira de Sociologia) e a ABA (Associação Brasileira de Antropologia) – não tinham, e ainda não têm, espaço pra esse aluno iniciante. Ao mesmo tempo, há uma pressão dos órgãos de financiamento, como a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), de que a produção seja precoce, de qualidade e com competitividade. Então, o evento nasce dessa tentativa.*

As primeiras edições foram muito regionais. Quase locais: é do entorno, imaginemos, um raio de 500 km. Não chega a alcançar Minas Gerais, por exemplo. Não chegamos ao Rio Grande do Sul. O evento era muito local. Penso que o fato de termos conseguido realizar nove edições faz com que o Seminário se torne um espaço de interlocução da produção nas Ciências Sociais, mesmo com a saída, em 2017, do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política – o que não quer dizer que os temas da política não sejam tratados dentro do evento. Há discussões etnográficas, de cultura, de minorias; nós trabalhamos com a temática de eleições, da participação, da própria noção de Estado; trabalhamos assim com os grandes temas da Sociologia, talvez porque, de fato, a sociologia abarque todos os outros – mas isso é apenas uma ironia.

Hoje o papel do Seminário se alargou. Ele atende um eixo nacional.

No próximo Seminário, na décima edição, o nosso desafio será abranger um eixo latino-americano. Em nossa programação há, em todas as mesas, alguém do mundo hispânico. Estamos convidando argentinos, espanhóis, bolivianos, colombianos, mexicanos etc. De professores honoris causa às

grandes personalidades políticas. Estamos tentando trazer o vice-presidente da Bolívia, Álvaro García Linera, que é sociólogo; Pepe Mujica, se ele decidir sair de seu sítio; militantes... Queremos enfrentar temas difíceis, como a questão dos direitos reprodutivos no Cone Sul.

A ideia é avançar nessa temática e, quem sabe daqui uma ou duas edições, alcançar uma abrangência internacional. Hoje, ainda não temos pretensão Sul-Sul, mas acho que a ideia é avançar junto à América Latina. Mesmo porque nós também temos de romper com um certo “imperialismo acadêmico” que vigora em nossas cabeças, não é mesmo? Estamos no Brasil, país que hoje produz mais da metade da produção da América Latina. Formamos em torno de dez mil doutores por ano. Isso não é pouca coisa.

Temos impacto e temos um lugar muito importante na produção científica internacional – nas Ciências Sociais também. Mas, precisamos dialogar mais. Devemos de parar de agir como se a Cordilheira dos Andes só estivesse ali pra separar o Pacífico. Temos de tentar fazer a ultrapassagem. Acho que devemos ultrapassar a fronteira.

É uma imagem simbólica. E o nosso símbolo agora é o da América do Sul invertida. Norte é Sul, Sul é o Norte. Nessa décima edição estamos operando por aí.

Fazendo um balanço, acredito que o Seminário atingiu picos em 2013 e 2014 – como já foi o caso de tudo neste país. Ou seja, estávamos com um espaço bastante grande. Chegamos a ter cerca de mil e duzentos participantes, tivemos 24 Grupos de Trabalho. Não foi, contudo, a saída da Ciência Política que fez com que o Seminário diminuísse. Ele já estava encolhendo em função das restrições de financiamento. Como a base dele são os estudantes de Pós-Graduação ou recém-titulados, há uma restrição orçamentária própria do custo de viagem, por exemplo. Porém, diminuiu-se em número, mas não na abrangência. Nós continuamos, aliás, com o público do Norte e Nordeste – que tem sido fixo. Isso é um dado interessante. Avançamos em direção ao Centro-Oeste. Nós temos, hoje, uma participação maior de Goiás. Rio Grande do Sul também tem uma presença maior.

A nossa expectativa é que avancemos um pouco em direção ao Uruguai, Argentina e Bolívia. Se tivemos cinco alunos, cinco trabalhos desses países, acredito que teremos atingido nosso objetivo. Temos noção do tamanho de nossas pernas. Não temos condições de fazer um evento maior. O tamanho que está é um tamanho que cabe no Campus Reitoria da UFPR. Um uso maior de espaço inevitavelmente aumenta o custo. Agora, com a saída da Educação³, acredito que teremos um certo alargamento. Por conta do espaço,

3 Bega se refere a recente mudança entre campus que afeta diversos Setores dentro da Universidade. Entre eles está o Setor de Educação, que deixará de partilhar espaço com o Setor de Ciências Humanas no Campus Reitoria da UFPR.

a última edição contou com apenas 13 Grupos de Trabalho – foi o menor número entre todas as edições. Na próxima edição contaremos com 17.

Acho que essa décima edição nos traz um novo fôlego. Trata-se de olhar para a América Latina, para outras fontes de patrocínio. No fundo ainda estamos sempre aprendendo a fazer. A questão do patrocínio pode impor, daqui algum tempo, dificuldades. Mas eu prefiro não antecipar problemas. Esperemos que o problema chegue e então o resolvemos. Antecipemos as coisas boas, não os problemas. Tenho certeza de que, quando a hora chegar a Comissão Organizadora dará conta.

Sabrina C. Freitas: *Professora, você falou sobre a oscilação do evento. Acredito que isso tenha se dado principalmente nos últimos cinco anos, não é? Uma alavancada e uma queda, no que se refere ao número de participantes. Bem, e em relação aos temas? Pensando principalmente nas últimas duas edições que você esteve à frente do evento, como a seleção deles, ao desenho de cada Seminário, está articulada ao cenário político?*

Maria Tarcisa Bega: *Eu acredito que nas últimas edições houve o problema do contexto de crise. Não é possível construirmos um evento da Sociologia sem que o tema da crise esteja em pauta, em nossa agenda. Existe, por exemplo, esse problema de encolhimento.*

Reputo-o, basicamente, a duas coisas: 1) À questão do financiamento e 2) ao tamanho das Ciências Sociais – me refiro ao fato de estarmos apenas com um único Programa de Pós-Graduação. O Seminário tem sua dimensão relacionada ao número de professores do Programa. Seu tamanho é relativo ao número de professores, pois precisamos de um professor em cada Grupo de Trabalho. Nosso limite – cerca de 17 GTs – reflete a quantidade de professores que estão no Programa – ou a maneira pela qual estão divididos os Grupos de Trabalho. Nós estamos com a perspectiva de divisão de três GTs. Teremos também o retorno do Grupo de Trabalho de Imigrações que, nesse ano ficou de fora porque havia um outro evento promovido pelos professores da pós-graduação junto com a ACNUR e uma única pessoa não conseguiria dar conta de fazer tudo. Então, acredito que são esses os dois elementos de limitação.

Para que nós vençamos isso, temos de ampliar o Comitê Científico e o Comitê Executivo, incorporando pessoas de outros programas. Hoje, nós já incorporamos pessoas da própria Universidade – basicamente do Setor de Educação. Mas temos e devemos avaliar. Na medida em que há, por trás desse evento, uma Associação, que é uma organização sem fins lucrativos, nós temos de avaliar como incorporar outros Programas – e se eles precisam estar associados ou não. Hoje, pelo estatuto da Associação, todo aluno e todo professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR é automaticamente membro nato. Então, teremos que pensar, inclusive, sobre a organização. Avaliar, inclusive, do ponto de vista formal – o que significa

mudar a ORG, não é? Mudar o formato institucional da ORG. Mas, essa é uma discussão que pretendemos fazer quando o evento estiver mais próximo. Porque, se tivermos que fazer alteração de estatuto, talvez tenhamos que chamar uma assembleia durante o evento, ou algo desse tipo. Isto está um pouco anunciado.

Outro tema sobre o qual temos discutido é, dado tamanho que está o nosso Programa, todas as nossas demandas, com a manutenção da nota 5, um horizonte futuro da nota 6, se nós realmente teremos condições físicas pra organizar o evento anualmente. Existe um grupo que defende que ele seja bianual. Acredito que essa opção tem um problema: estudantes do mestrado, praticamente, ficarão de fora. Caso ele não participe do evento no ano que entra, só poderá participar dele depois de sair. Sempre haverá uma turma dentro e uma turma fora. Tenho dúvidas se isso é bom e se não altera o sentido original do Seminário.

Eu defendo que a experiência original foi boa. Defendo que devamos avançar, mas não podemos desvirtuar o sentido do evento.

Acredito que esses são os nossos desafios a partir do décimo, não é?

Agora, sobre a diminuição: é claro que a saída do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política teve impacto. Alguns dos temas que nós trabalhávamos – como Mídia, Eleições e Relações Internacionais – que são importantes temas da contemporaneidade na área das Ciências Sociais ficaram com alguma defasagem. Isso é um fato e não podemos negá-lo. Não contamos mais com esses temas.

Existem outros temas que nós não trabalhamos e que acredito que sejam fundamentais, como exemplo a discussão sobre Religião que nós ainda não conseguimos fazer. Até mesmo a discussão sobre Gênero nós não conseguimos dar conta de todas as possibilidades. Depende muito dos temas que os coordenadores estão trabalhando. Há também uma discussão, por exemplo, sobre Teoria Sociológica nós não conseguimos fazer.

No tema Urbano ou da Cidade, por exemplo, estamos propondo, a partir da décima edição, a divisão do GT de Políticas Públicas – estava muito grande. Não dá pra pensarmos o mundo contemporâneo sem ter essa dimensão do Urbano. Temos de Rural, de Ambiental, mas não temos de Urbano.

Nosso desafio, então, é: fazer um evento que abarque os grandes temas ou fazer um evento que seja o espelho dos professores do Programa? Nós não temos professores com condições de abarcarem todos os temas. Se formos pela primeira opção, teremos que ampliar e convidar professores. Será sob convite.

Quais temas precisamos enfrentar? Dou o exemplo de uma área com a qual

trabalho. Temos uma discussão, sobre a qual temos de pensar, que é o novo desenho demográfico do mundo – nós não temos estrutura para fazermos essa discussão. Seria essa troca geracional – ela está acontecendo no mundo. O planeta está envelhecendo e a infância está diminuindo; a juventude está se ampliando. O jovem é aquele que se encaixa na faixa etária dos 15 aos 35 anos, como na Europa? Poderíamos discutir como essa temática se replica quando nós olhamos, por exemplo, a realidade Latino-Americana. Nós não conseguimos discutir o tema da velhice, a não ser lateralmente no GT de Políticas Públicas, em Segurança, em Gênero e Cuidado. Mas nós não temos uma discussão sobre essa categoria sociológica e sobre como teremos de lidar com ela.

Acredito que é esse o panorama.

Caso mantenhamos o desenho, isso significa que nós precisamos ter uma articulação política de crescimento do Programa. O nosso Programa de Pós-Graduação hoje é um Programa de professores com muito tempo de docência, muitos à borda da aposentadoria.

Existe uma coisa, na Sociologia das Organizações, que diz que toda instituição ou empresa deve ter três gerações: a geração que tem até 10 anos dentro da organização, aquela de 10 a 20 anos e uma de 20 a 30 anos – os experientes, aqueles que já não chegaram ao topo, mas que conhecem o funcionamento e os iniciantes. Nós hoje somos um departamento desequilibrado, nesse sentido; o número daqueles próximos aos 30 anos de trabalho é muito maior do que a faixa do meio – e a menor é a dos iniciantes. Então, nós somos uma pirâmide velha. Do ponto de vista duma demografia local, somos um departamento velho.

Mas tem uma coisa! Diferentemente da graduação em que, após 4 anos o professor está pronto, na pós-graduação se leva uns dez anos pra que você tenha um professor pronto. Deve haver, pelo menos, uns dez anos pra que ele tenha condições não só acadêmicas, mas condições, eu diria, emocionais – maturidade emocional, trabalhar com a frustração do aluno, com as diferenças dos alunos e chegar a um bom resultado. Acredito que esse é o nosso desafio.

Nós temos muitos desafios. Caso me peça para apontar os prioritários, eu diria o caso de sermos um departamento pequeno e de professores velhos.

Sabrina C. Freitas: *acredito que uma pergunta importante a ser feita, e você já tocou nela marginalmente. Trata-se de importância de um evento com regularidade eminente no eixo sul do país. Em diferença a outros eventos nacionais das Ciências Sociais...*

Maria Tarcisa Bega: *Eu penso que um evento que geral é, ao mesmo tempo, único. Temos o Fazendo Gênero, na Universidade Federal de Santa Catarina,*

mas ele é temático. Não é um tema somente da Sociologia, é uma área interdisciplinar. Importante! Mas, ele é um eixo. Ele cabe, pra nós, dentro de um GT. Enquanto no Fazendo Gênero, ele se constitui em um grande evento.

Eu vejo muitas virtudes.

Primeiramente, naquele momento em 2009, quando e alguns professores tiveram a visão de construir um evento dentro do Programa, o que garante perenidade. Em segundo lugar, o esforço dos alunos em passar de uma geração para a outra a responsabilidade da construção do evento.

O SNS&P é um evento, nós podemos dizer, que é 70% feito pelos estudantes.

Os professores entram quando eles precisam de um CPF, do Siape/Sigepe⁴, do Siade⁵, dos números – dessa logística a qual só o professor tem acesso. Mas o trabalho duro e as definições, isso eu penso ser importante, são feitos pelos estudantes. Nesta décima edição, a pauta foi toda definida por eles. As mesas e temáticas, quem trazer... Nós da coordenação, os professores, não tivemos ingerência na sugestão de nenhum nome. Nós deixamos. Eles foram levando e eu acho que a ideia é esta: nós temos que acreditar que a nova geração está mais atenta em assuntos que estão surgindo no mundo.

Então, acredito que para um evento grande, essa perenidade é importante. Hoje ocupamos um espaço singular no mercado nacional de eventos científicos.

É algo surpreendente. Nas Ciências Sociais, nós temos um sistema em que o controle está no eixo sudeste. Mesmo o Rio Grande do Sul, com toda a força que tem na área, está colado ao sudeste. Com isso, existe um eixo Paraná - Santa Catarina que fica um pouco descoberto. O próprio desenho da Pós-Graduação da Federal de Santa Catarina não propicia outra configuração, pois ele é interdisciplinar, ou seja, abarca Sociologia, Antropologia e Ciência Política. Então, sozinho ele não consegue construir um evento que seja apenas da Sociologia.

Aqui, a área da Ciência Política que estava inserida no nosso Seminário Nacional já era a Sociologia Política – o que traz um duplo jogo ao nome. Por isso, também, nós mantivemos o nome do evento. Porque, por exemplo, o meu grupo é de Política. O Núcleo de Estudos Paranaense é de Política; o Centro de Estudos em Segurança Pública e Direitos Humanos – CESPDPH/PPGSOCIO é de Política. E qual é o grupo que não é de Política? Mesmo fazendo sociologia, O SNS&P tem certo hibridismo.

4 Sistema de Gestão de Pessoas do Executivo Federal.

5 Sistema de Avaliação do Desempenho

A importância está dada pela demanda. O que prova o sucesso do evento é sua perenidade e o fato de, anualmente, existir uma demanda. Ele é esperado. Ele está na agenda dos pesquisadores e dos pós-graduandos em Sociologia. Mas há um ponto que eu considero como mais importante. Tratando-se de um evento dos estudantes, em que há espaço de discussão dos trabalhos em execução, existem participantes que vem apresentar o seu TCC como pôster, junto de seus professores; depois vem apresentar a sua dissertação. Esse aluno entra para o doutorado e apresenta a sua tese no evento. Nós temos pessoas que já estão na quinta participação, e nós acompanhamos, através dos Grupos de Trabalhos, o desenvolvimento desses trabalhos. Então, uma vez por ano é como se as pessoas viessem para mostrar: “veja, esse ano eu rendi isso”. É um momento em que as pessoas se encontram. Não é uma ideia de endogenia. Não é isso. O que acontece é que assim vai se construindo a ideia dos grupos de pesquisa. Então, se eu preciso de alguém, eu posso ir à lista do GT, ver quem participou duas ou mais vezes e saber onde essa pessoa está.

Isso é a construção de rede de pesquisa.

Dessa maneira, fazer ciência – voltando à primeira pergunta – talvez seja também constituir uma rede, em que todos estão submetidos a condições razoavelmente semelhantes. Eu digo razoavelmente pois existem as condições de origem, de capacidade de financiamento, de localização – nós estamos num país continental – mas, dessa forma, constituem-se as redes de pesquisa.

E eu acredito que essa é a coisa mais importante.

Não se trata daquele mega evento, em que as pessoas entram com a sua trupe de seguidores e vão embora. Eu diria que é mais simples. Ele é um evento que não é caro. Isso permite que as pessoas possam vir. Ainda há outro ponto que considero virtuoso: a possibilidade dos professores da educação básica virem discutir a sociologia de sala de aula. Não se trata apenas da sociologia da pesquisa, mas a sociologia enquanto uma prática profissional, uma prática docente. Eu acredito que isso é muito bom.

Kamille Mattar: *Eu queria aproveitar que a professora comentou sobre a participação regular de muitos pós-graduandos e pesquisadores, para perguntar sobre a importância do evento para a formação do pesquisador em si.*

Maria Tarcisa Bega: *Eu posso falar um pouco sobre o meu GT, pois mesmo coordenando o evento eu tento sempre participar. Quando eu não estava na coordenação acompanhava muito as sessões.*

Existe uma situação que acontece muito. O fato das pessoas saberem que seus textos serão lidos. Saber que o texto final será lido e debatido faz com que se preparem para a arguição. São pequenas arguições com a possibilidade

de participação das outras pessoas. O que acontece comigo, e eu imagino que aconteça com muitos, é que os participantes, como têm nosso contato, voltam a escrever e perguntar. Assim, estabelecemos conversas. Então, é quase como se os estudantes tivessem uma orientação externa – muito mais descomprometida -, mas um importante olhar externo sobre o trabalho. É uma interlocução acadêmica. Não tem o rigor de uma qualificação, do “aprova ou reprova”, mas é um momento em que você submete seu trabalho a uma discussão, às pessoas que estão pensando outras coisas e de outras realidades. Eu trabalho com política pública e nessa área é assim: o Brasil é o mesmo, a política é a mesma, mas as realidades são diferentes. Então, trata-se de entender como determinada situação se coloca numa periferia em Fortaleza e como que ela se coloca em Curitiba. Qual é a noção de periferia que nós podemos construir academicamente. Eu acho que esse é o grande ganho.

E existem diversas discussões! A discussão tem tempo para acontecer, mas ela continua fora, no café. Por isso, o coffee break é uma coisa tão importante. Custa caro e é difícil, mas é um espaço de troca. “Ah, você apresentou! Como que foi?” e assim vai. É essa possibilidade de sociabilidade. É um tempo da vida do estudante em que, quanto mais laços ele construir, melhor é para sua vida profissional. Usando a palavra da moda: networking. Ou seja, são as suas redes e essas redes nos carregamos para o resto da vida.

Eu falo a partir da minha experiência no movimento estudantil. Meus amigos até hoje são aquelas pessoas com quem eu travei relações nos anos 1970, na época da ditadura, no movimento estudantil... Ainda hoje são essas pessoas que frequentam minha casa. Isso não é pouca coisa. Talvez, quando jovens, ainda não tenhamos muita noção do que é isso. Nisso, de ter um grupo de pesquisa/trabalho, de trabalhar com um mesmo tema, nós fazemos trocas. Você encontra a pessoa em outro evento e a ela está indo para outro país, essa é a rede...

É assim que a gente se constrói como pesquisador.

A nossa pesquisa experimental não é aquela de ratos em laboratórios. A nossa é com gente e nas redes que são formadas por gente – e as redes que tem gente são as redes mundiais. Quando eu estou falando rede, eu não estou falando em redes sociais. Eu estou falando em redes epistêmicas, comunidades epistêmicas. Eu gosto desse termo que vem lá das políticas públicas, porque assim nós estamos construindo as nossas redes. Vocês, principalmente, estão construindo as comunidades epistêmicas de vocês. São pessoas que estão mais ou menos na mesma idade, mais ou menos com a mesma experiência, vivendo o mesmo tempo, ou seja, conceito mannheimiano de geração. Tenho que falar de sociologia um pouquinho né? Não é só falar de gestão.

Sabrina C. Freitas: *Há esse caráter formativo também na organização do*

evento, porque, como foi dito, 70% dele é constituído pelos estudantes da pós.

Maria Tarcisa Bega: *Sim, para o bem e para o mal. Existem pessoas que odeiam a experiência depois. Eu acredito que a vida de pesquisador não é só a vida de pesquisa. É também a de laboratório. Ela passa pela gestão da pesquisa, pela negociação... Há duas questões importantes para o grupo. Primeiro, administrar as diferenças no grupo. A divisão do trabalho. Às vezes o trabalho do outro parece mais bacana do que aquele pelo qual fiquei responsável. É lidar com isso. Esse é um lado interno. O outro lado é o de aprender como funciona uma instituição pública. Nós estamos fazendo um evento no espaço público. Há o aprendizado sobre quais são as regras do jogo do espaço público, como funciona a CAPES, o que podemos ou não fazer, como é feito, como se presta contas... Ou seja, indiretamente se está aprendendo a lidar com os órgãos de controle externo. Você tem um TCU – um Ministério – nas costas. Pode não ter consciência, mas tem. Não se pode fazer as coisas como seria feito na vida privada. Em outras palavras, no espaço público existem regras. Trata-se de dominar essas regras. Como disse o velho Bourdieu, quem domina as regras do campo consegue maneja-las e se mover dentro dele. Uma das condições para você estar no campo é conhecer suas regras. Aqui o mesmo acontece. Conhecer um professor que vem de fora, as idiosincrasias, os grandes nomes, as manias... ninguém aqui pede trinta toalhas brancas, mas há sempre o seu equivalente acadêmico.*

Sabrina C. Freitas: *Professora, qual é a articulação possível com a graduação?*

Maria Tarcisa Bega: *Essa é mais complicada. É complicada porque, da maneira na qual o SNS&P está formatado, ele é um evento direcionado à pós-graduação. Então, o nosso espaço para a graduação é o de acesso, ou seja, para os graduandos acompanharem o evento. Porque o evento está acontecendo aqui na Universidade. É o espaço do aprendiz de feiticeiro. Para chegar ao caldeirão, haverá três passos anteriores. Então, há esse aprendizado da socialização. No formato que ele está, apenas o aluno que concluiu o curso ou que está as vias da conclusão que pode participar apresentando um trabalho.*

Outro espaço é o da monitoria, que eu também considero bom. Em uma divisão de trabalho, é a parte menos qualificada, mas não vejo problema nenhum nisso. Todo mundo tem que aprender a fazer um depósito no banco, a cuidar de uma secretaria, a fechar um caixa, a servir uma água, a buscar uma autoridade... porque isso não faz cair as mãos – a não ser que tenhamos uma cabeça escravocrata, em que determinados serviços não podem ser feitos. Em qualquer país desenvolvido do mundo, todo mundo faz tudo. Assim, eu acredito que este é um bom exercício e também serve para criar essa rede, do contato do aluno da graduação com a pós-graduação. Temos esse contato também pelos grupos de pesquisa, mas, no SNS&P, ao mesmo tempo em que se está ali trabalhando, está também acompanhando a discussão do GT,

cuidando do gravador, do datashow, está na discussão... Essa é uma forma de aprender. Eu não sei se há outras possibilidades. Poderíamos ter um equivalente à categoria “sociólogos do futuro”, mas isso já existe na SBS⁶. Eu tenho a impressão de que se abrissemos essa possibilidade, nós teríamos um segundo evento. Um evento duplo. Nesse caso, não temos logística, não temos estrutura, não temos espaço para fazê-lo.

Então, eu acho que o espaço para a graduação é o de aprender a fazer, fazendo.

A partir das atividades mais simples, mais rotineiras, até chegar depois à pós-graduação e entrar na organização. Apresentar pôster, em seguida, um trabalho, depois uma dissertação, a primeira fase da tese e a segunda... É assim que se reproduzem os grupos.

Sabrina C. Freitas: *O que nós podemos esperar da próxima edição? Quais são os temas à vista?*

Maria Tarcisa Bega: *Nós vamos discutir América Latina hoje – rupturas e continuidades. Propomos a discussão a respeito do que está acontecendo na América Latina hoje, do ponto de vista da sociedade, da cultura e da política; os impactos do modelo neoliberal na América Latina – ou seja, o aumento da desigualdade e da exclusão; mas, como em nós sempre há uma esperança, estamos colocando também no tema a discussão das experiências exitosas. Assim, não são apenas os limites.*

Teremos uma perspectiva histórica e sociológica. Já que a Sociologia estuda permanência e as rupturas, ou melhor, se ela estuda essas condições, então, há permanência e, com certeza, há avanços – nem que seja no sentido de mobilização de grupos nunca antes mobilizados. Se olharmos para o que está acontecendo no Brasil, onde vemos, por conta de uma candidatura de extrema direita, que há um movimento pelos direitos civis. É uma luta pelos direitos civis, agora somados aos direitos sociais. É pela garantia de direitos civis das mulheres, o que não é pouca coisa. Pode não dar em nada, mas nesse momento tem um impacto muito grande. Existe um movimento dos estudantes no Chile contra a educação paga e outros movimentos pela América Latina. Inclusive, movimentos de retrocesso: os golpes parlamentares brancos, a perda da vergonha que a direita teve. A direita sempre foi silenciosa, envergonhada. Hoje ela perdeu o pudor e está se mostrando como ela é em toda a América Latina. Eu não acredito que isso seja ruim. É difícil de lidar, mas é melhor conhecer a face e o tamanho do inimigo que nem ao menos saber que se tem um inimigo – só supor que tem.

Agora, tentando fazer uma análise mais sociológica, o que se pode esperar do

6 Sociedade Brasileira de Sociologia.

próximo evento?

Em primeiro lugar, nós teremos de treinar o nosso ouvido para ouvir espanhol. Em cada mesa nós devemos ter ao menos uma pessoa da América Latina. Então, haverá o diálogo entre o português e o espanhol. Teremos os hispânicos, os hermanos aqui presentes.

Em segundo lugar, enfrentaremos alguns temas difíceis, como a questão da ecologia. Abrimos uma mesa sobre ecologia política – uma questão de caráter macro. Afinal, a reserva de água do planeta está aqui Brasil, a reserva de florestas está aqui, a reserva de biodiversidade está aqui. A discussão de direitos civis está dentro do tema de direitos reprodutivos. Uma forte discussão sobre cultura. A gente espera a presença de pesquisadores das universidades da América Latina, pela porta da CLACSO⁷ e da ISA⁸. Esperamos, pelo menos, pesquisadores das universidades no Uruguai, no Paraguai, na Argentina... que são as mais próximas, de onde o custo de viagem não é tão absurdo. Esperamos que a crise econômica da América Latina não desmonte o evento, porque se o dólar e a crise da Argentina continuarem no ritmo em que estão, não sei o que restará. Nós temos um receio em relação ao financiamento. Se, na nona edição, tivemos uma boa fonte de financiamento, um bom patrocínio, dessa vez pegaremos a virada de governo. Em fim de governo ninguém se compromete para a frente.

Kamille Mattar: *E, para a professora, pessoalmente, o que significa estar à frente da décima edição? Um número tão emblemático...*

Maria Tarcisa Bega: *Veja, pessoalmente, o ano de 2019 será o ano em que eu prestarei o concurso para professora titular, dois meses depois do final do evento. Talvez, seja assim: dentro da Universidade, do ponto de vista da gestão, eu já fiz tudo; do ponto de vista acadêmico, eu agora enfrento o último patamar. Encabeçar o primeiro evento de dois dígitos me dá uma satisfação muito grande. Eu sou filha da escola pública – e não estou sendo piegas e eu não estou sendo populista – eu fiz graduação, mestrado e doutorado, sou professora de uma Universidade Pública. Tenho muito orgulho dessa história da minha vida.*

Assim, construir o décimo SNS&P é consolidar um evento na minha área, no departamento em que entrei como estudante da graduação em 1971, em uma época de ditadura feroz, em que era um dos piores departamentos de Ciências Sociais do Brasil. Eu tive a felicidade e muito trabalho para entrar aqui na década de 1990 e participar do movimento que colocou o departamento, o curso de Ciências Sociais, a Pós-Graduação – ou melhor, as Ciências Sociais

7 Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales.

8 International Sociological Association

do Paraná – no grupo das principais do país. Por isso, realizar essa edição, na qual consolidamos o evento num âmbito latino-americano, no mesmo ano em que eu faço o concurso para titular, é tudo de bom! Eu sou uma pessoa de sorte, sou uma pessoa feliz, mas eu sei o quanto me custaram e custam, a cada dia, todas estas escolhas. Isso não cai do céu, isso é fruto de muito trabalho, de muito diálogo e de muita briga, mas eu pretendo viver até bem mais dos noventa anos e quero morrer brigando.